

O QUOTIDIANO COMO REFERÊNCIA PARA A INVESTIGAÇÃO DAS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM

Álvaro PEREIRA^a

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo refletir sobre o cotidiano como espaço de investigação dos sujeitos submetidos às ações intervencionistas da enfermagem e da área da saúde, tendo a sociologia compreensiva como referencial de análise. Os resultados apontam a necessidade de maior investimento e observação crítica, dando um novo sentido para as ações profissionais ao considerar o cotidiano nas investigações; a necessidade de estratégias cada vez menos formais nos protocolos de atenção à saúde onde, na obtenção de resultados efetivos, predominem as relações interpessoais e um compromisso afetivo e familiar com quem está mais próximo, no aqui e agora.

Descritores: Saúde. Enfermagem. Atividades cotidianas.

RESUMEN

Este ensayo tiene el objetivo de reflejar sobre el cotidiano como espacio de investigación de personas sometidas a las acciones intervencionistas de enfermería y del área de la salud teniendo la sociología comprensiva como referencial de análisis. Los resultados señalan la necesidad de inversión más grande y de observación crítica dando nueva significación para las acciones profesionales, al considerar el cotidiano en las investigaciones; la necesidad de estrategias cada vez menos formales en los protocolos de atención a la salud donde, en la búsqueda de resultados eficaces, predominan las relaciones interpersonales y un compromiso afectivo y familiar con quién está más cerca, aquí y ahora.

Descriptores: Salud. Enfermería. Actividades cotidianas.

Título: El cotidiano como referencia para la investigación de las intervenciones de enfermería.

ABSTRACT

This essay has the objective of reflecting on the quotidian as an inquiring space of the citizens submitted to nursing interventionist actions and from the area of health, having the comprehensive sociology as referential of analysis. The results point into the direction of the need of higher investment and of critical comment by giving a new sense to the professional actions when considering the quotidian in the inquiries; the need of less and less formal strategies in the protocols of health care, where in the search of effective results there is a predominance of the interpersonal relations and an affective and familiar commitment with whom is closer, here and now.

Descriptors: Health. Nursing. Activities of daily living.

Title: The quotidian as reference for the investigation on the nursing interventions.

^a Enfermeiro, Professor Adjunto IV do DEMCAE da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Enfermagem UFSC/Paris V-Sorbone. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Cotidiano em Saúde (NUPEQS-SC), Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Cuidar e o Exercício de Enfermagem nas Organizações de Saúde (GECEOS-BA).

1 INTRODUZINDO A REFLEXÃO SOBRE A NOÇÃO DO QUOTIDIANO^b

Quando voltamos nossos olhares para os temas de encontros científicos e para a produção dos enfermeiros, identificamos, com uma certa frequência nos últimos tempos, que alguns dos estudos na área de saúde, vêm apropriando-se do termo **quotidiano**. Ele aparece aqui e ali sendo utilizado para designar, de modo pouco refletido, o dia-a-dia de uma prática profissional, de um serviço, ensino ou representação e vem merecendo maior atenção, por sua essência e pelas possibilidades de sua utilização como espaço referencial de análise da subjetividade humana.

Constata-se o uso inadvertido do termo **quotidiano**, muito mais como sinônimo de dia-a-dia do que como a expressão de uma epistemologia ou corrente de estudo contemporânea. Esta vem sendo banalizada quando usada como mais uma expressão da moda no título e mesmo no miolo de um trabalho científico ou como novidade na expressão dos temas de eventos científicos. Sua utilização descontextualizada pode estar caracterizando um equívoco, vez que não reflete em essência a beleza e a plenitude dessa epistemologia. Constitui-se um incômodo para aqueles profissionais da saúde que investiram seus esforços nesta área de conhecimento ou que se voltaram para a compreensão da subjetividade dos sujeitos hígidos ou doentes optando por refletir o ponto de vista das relações pós-moderna no cenário da prática profissional e de seus atores.

Sem a pretensão de aumentar a especulação sobre a delimitação do termo ou diminuir o mérito sobre sua utilização, estou con-

victo que esta noção merece uma reflexão cada vez mais consistente sobre sua contribuição para o campo da saúde e da enfermagem. O **quotidiano** poderá vir a ser um espaço profícuo de investigação para a(o)s enfermeiras(o)s e demais profissionais de saúde que pretendem fazer investidas nas relações sociais tendo a relação tempo espaço no cotidiano como pano de fundo do vivido no processo saúde-doença dos usuários dos serviços de saúde.

Nesse sentido este ensaio tem como **objetivo** refletir sobre o **quotidiano** como espaço de investigação da subjetividade dos sujeitos submetidos a práticas das ações de enfermagem e da área da saúde.

Nessa direção busco desmistificar o **quotidiano** como área do conhecimento de domínio comum, aceitando-o como espaço emergente de investigação, que por sua pertinência pode ajudar a compreender tanto os momentos de eficácia quanto de ineficácia das ações de saúde e de enfermagem regidas pela ordem, pela norma ou por padrões e protocolos essencialmente rígidos.

É necessário reconhecer que os referenciais usados para fundamentar o dia-a-dia das práticas de saúde, parecem estar buscando explicações ou comprovações cada vez mais consistentes e precisas da sua eficácia. Como se eles fossem partes de uma experiência com resultados presumíveis quando a noção do **quotidiano** na sociologia^c compreensiva quer, ao contrário, compreender o imprevisível, dar valor ao casual, ao banal, as **inconcretudes**, as apresentações incompletas da vida e as ações subjetivas dos sujeitos nos seus ambientes de relações; que não podem ser mensuradas pelos métodos científicos tradicionais, objetivadas ou apreendidas pela repetição e saturação simples das expressões ou eventos.

^b *Quotidian* no inglês, *Quotidien* em francês ou *Quotidiano* em português assume a mesma composição de origem latina do adjetivo que tem significado ou estabelece relação com o dia-a-dia. Com o destaque a esta forma de apresentação do termo tento fazer distinção entre a expressão cotidiano banalizada e utilizada na nossa língua, de modo geral, para as coisas que se faz no dia-a-dia e a noção usada como referencial epistemológico, própria dos estudos da sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli.

^c Restrinjo-me as referências feitas ao cotidiano e a micro-sociologia identificada na obra do cientista Francês Michel Maffesoli.

As possibilidades de compreensão do **quotidiano** na área da saúde, no entender de Nascimento, podem ser tentadas alterando-se os contornos e limites das situações que compõem esse **quotidiano**. A autora chama a atenção para a efemeridade e **inconclusividade** na observação e no desvelamento dos fatos, nesse espaço de relações, quando revela que nos tempos contemporâneos as abordagens que envolvem o **quotidiano** em saúde parecem concentrar-se no discurso, na expressão do vivido, nos acontecimentos triviais, nas pequenas coisas banais do dia-a-dia⁽¹⁾.

Para aquela(s) preocupada(o)s com os modelos produtivos e suas mazelas, a padronização das práticas, a racionalização dos seus métodos, podem estar equivocados, ao apropriar-se do **quotidiano**, pensando utiliza-lo como mais um referencial de análise ou mesmo usar indiscriminadamente esta noção aproveitando-se do modismo, da possível banalização da expressão, tentando estabelecer laços de relação entre esta e outras concepções que são afetas essencialmente aos modelos de investigação da razão moderna^d. A noção do **quotidiano** não se adapta a qualquer destes modelos formais.

Nesta reflexão optei pelo marco de referência da sociologia compreensiva, por entender que esta abordagem presta-se melhor a análise do **quotidiano** em saúde, e toda complexidade das relações que envolvem este contexto; pela capacidade de revelar o acaso, o **inconcreto**, o inesperado, o prazer profundo, a repetitividade, que se associam compondo o pano de fundo e o *lócus* de investigação das relações subjetivas entre os grupos sociais.

Segundo Maffesoli este é um espaço-tempo comum ao pós-moderno, onde os su-

jeitos se ligam por uma espécie de cimento social; uma **religião** que evidencia a comunhão com a natureza, numa conjunção que se estabelece por uma atração do ser/estar juntos a que prefere denominar **socialidade**⁽²⁾.

Este pode também ser um novo espaço de investigação das ações de saúde e de enfermagem, porque é nele que se firma a relação e os compromissos sociais no ambiente hospitalar, na comunidade, nos rituais religiosos, entre outros pontos de encontros das tribos^e urbanas e nos demais espaços onde a enfermagem pode vislumbrar sua participação e contribuição e prevaleça o afetual, o fortuito em detrimento da obrigação, do dever, do compromisso e da boa convivência.

2 MAS AFINAL, O QUE ESTÁ POR TRÁS DESSE TAL QUOTIDIANO?

Apesar da referência ao **quotidiano** ter sido objeto de destaque, desde o início do século XX, este sempre foi um campo inesgotável de análise das ciências humanas. Segundo Tacussel mesmo antes desse espaço tornar-se efetivamente de maior domínio da sociologia, recebeu análises de filósofos como Kant, que no estabelecimento das leis fundadas na razão, em sua análise nunca se afastou “do vivido mais concreto, das pequenas coisas que constituem o quinhão de alegrias e sofrimentos de cada dia”^(3:111). Chama atenção este autor para a observação análoga a propedêutica filosófica de Hegel, que nos fala do sono, da instituição, da vingança, do prazer; e mesmo, em Proust, Musil e Heidegger, ou na experiência literária de Canetti, onde nos seus escritos esse referencial e as correntes aí envolvidas parecem convergir

^d O Racionalidade Moderna ajudou a promover a revolução científica necessária quando, então, unificou e padronizou os métodos de investigação mas, tornou danoso às disciplinas que trabalham com o conhecimento subjetivo do ser humano saudável ou doente a aplicação desses métodos, vez que estes não esgotam a investigação da complexidade e multidimensionalidade a que estão submetidos no espaços institucionais.

^e Expressão utilizada na obra de Michel Maffesoli para referir-se aos grupos humanos das cidades que se agregam espontaneamente por uma empatia inexplicável, ligam-se por uma ordem religiosa (*re-ligare*), uma espécie de cimento social que fortalece as relações, que se configura pelo prazer de estar ali vivendo intensamente o aqui e o agora, mesmo que transitoriamente.

para uma criteriosa e, portanto, respeitosa descrição da vida corrente.

Assim, Tacussel apresenta-nos um esboço do que preferiu identificar como as duas tendências de estudo da vida quotidiana nas ciências humanas. A primeira, está voltada para a abordagem crítica, segundo a qual a alienação é fator central de nossa cotidianidade. Por esta corrente, segundo ele, caminhou a psicologia freudiana, o marxismo contemporâneo de H. Lefebvre, H. Marcuse, A. Heller, H. Kosik, entre outros. A segunda tendência evidenciada, está relacionada com a sociologia compreensiva e envolve os interacionistas como E. Goffman, sua escola, ou os metacríticos como E. Morin e J. Baudrillard e os estéticos-intuicionistas como M. Maffesoli, A. Madan e P. Sansot⁽³⁾.

A corrente mais recente, segundo Crespi, parece fortalecida a partir da viabilização do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ)⁽⁴⁾ que, por iniciativa de George Balandier e Michel Maffesoli, preocupou-se com a referência ao **quotidiano**, não só para tornar relevante aspectos esquecidos pelos sociólogos mas, também, para transformar a maneira de encaminhar o problema social e os métodos para o seu estudo. Este último, trabalhando em seus ensaios, observou que convivendo lado a lado aos modos de exploração/alienação é possível identificar uma curiosa, freqüente e discreta forma de resistência, muito mais real, que sustenta a hipótese do **quotidiano** como um espaço que escapa aos poderes econômicos, simbólicos, morais, políticos. Não que esses poderes não existam, eles são relativizados neste **não-lugar**, indefinido, denominado **quotidiano**.

Mais que um mero modismo, a vida quotidiana emerge como uma micro-área do conhecimento sociológico, que segundo Maffesoli traz uma nova abordagem onde se faz necessário praticar uma epistemologia à parte, reconhecendo com simplicidade a labilidade, as possibilidades de mudanças, as imperfeições, que na dinâmica social têm ne-

cessidade de se exprimir; utilizar instrumentos que sejam eles próprios flexíveis e sujeitos a mudanças⁽⁵⁾. O que de outro modo significa não ser hegemônico ou rejeitar simplesmente o reducionismo tão próprio ao conhecimento da ciência moderna. O **quotidiano** é, pois, esta área da micro-sociologia que se preocupa, sobretudo, com a paixão, o não lógico, o imaginário, o sensível, que estrutura igualmente as atividades humanas, da qual somos ao mesmo tempo atores e observadores.

Para caminhar por essa nova *epsteme* pareceu-me conveniente desprezar as estratégias desgastadas do paradigma moderno, valorizando um novo estilo estético de viver que se define por uma mudança de atitude e comportamentos em função do modo de compreender as relações e o valor que se pretende atribuir às pequenas coisas banais, aquelas consideradas insignificantes, ou ainda, no modo de valorizar o vivido e as inter-relações, na sua essência. Este novo estilo requer modos investigativos qualitativos mais apropriados aos fenômenos sociais. Constitui-se um novo jeito de fazer ciência numa perspectiva ética, o que Maffesoli identificou como pós-moderna⁽⁶⁾.

Em princípio o modo identificado como desorganizado e até considerado pouco científico de investigação do cotidiano pode incomodar os estudiosos desta área, minando a essência e o valor dos seus trabalhos. De outro lado, os méritos podem estar evidentes exatamente por esse caráter inconciliável de se investigar a existência humana, que é sempre plural, complexa, inacabada e que está além do horizonte do presente.

Tal *epsteme* considera tudo que está aquém ou além do que se costuma chamar de relações sociais. Nessa ordem inclui-se, de um lado, a **sociabilidade**, que pertence à solidariedade mecânica, a instrumentalidade, os projetos futuristas, a lógica racional, a finalidade, e de outro, a socialidade, que contrariamente a anterior, considera a solidariedade orgânica, a dimensão simbólica na comuni-

cação, o não lógico, a preocupação com o presenteísmo, o vivido, com todas as suas contradições. Essa mesma socialidade tem como fundamento o **ser/estar-junto**, as relações que se efetivam na frivolidade, na banalidade do dia-a-dia, no pouco ou nenhum sentido dos fatos.

O estudo do **quotidiano** dirige o olhar para uma localidade, uma dimensão, centra sua atenção num sujeito, numa família, num pequeno grupo social, que pode ser identificado pelas práticas minúsculas que elabora. Assume “uma postura compreensiva que transita pela trivialidade da vida quotidiana, pelo *vulgus*, tão desprezado pela cientificidade acadêmica pelos burocratas da cultura”^(6:13).

A utilização desta noção pode ser reservada a objetos de investigação social que envolve as relações sociais afetivas, empáticas, esporádicas ou fortuitas, que se desenvolve no momento atual, no aqui agora e que estão apoiadas numa **ética do presente** ou do instante⁽⁷⁾.

Como afirma Rezende num “tempo presente à vida quotidiana vai negando frouxamente, solapando as grandes propostas de futurismo e vai-se afirmando um desejo de se viver com intensidade o aqui e agora. Mesmo com o que este presente tem de caótico, de absurdo, de insolúvel”^(7:11).

Por outro lado o esgotamento do paradigma moderno me faz repensar nas mudanças, na formação e na prática profissional, de tal forma que, os preceitos hegemônicos, que fizeram a penúria dessa sociedade, não deram conta da fome, do desemprego, escravizaram o homem alienando-o e condicionando-o à produção e à utilidade, cultuando e atribuindo valor maior à ordem, à norma e ao trabalho, dando caráter secundário ao descanso, às férias, ao ócio, ao domingo. De certa forma este paradigma há algum tempo vem esfacelando-se.

Convivendo paralelamente a este paradigma emerge um outro caminho mais subjetivo, de valor semelhante, que faz emergir a

concepção holística, forçando a ecologização da ciência e a orientalização dos costumes e valores dos grupos humanos.

Este parece o desafio de quem pensa numa ordem inflexível para o processo saúde-doença, convive com os procedimentos e protocolos dos cuidados e está sob a égide das normas e regimes impostos pelos programas institucionais.

3 BUSCANDO EXPLICAÇÕES NO QUOTIDIANO DAS AÇÕES DE ENFERMAGEM

Sob a égide da modernidade e apropriando-se dos seus instrumentos, também a(o)s enfermeiras(o)s têm buscado um espaço próprio, onde seja possível contemplar a valorização do conhecimento e do saber exclusivo da profissão. Mas também é possível constatar que, de outro modo, a incorporação desse modelo por parte dessa(e)s profissionais vem transformando-a(o)s em escrava(o)s da disciplina, da rigidez moral, da competência técnica fazendo com que ela(e) acredite piamente na invulnerabilidade da ciência e no rigor da técnica⁽⁸⁾.

Esses valores povoam o imaginário profissional, masculinizando a orientação e os destinos da(o)s enfermeira(o)s, independente de gêneros, como destaca Pereira na sua investigação entre um grupo de enfermeiros⁽⁹⁾. A necessidade de buscar finalidade nas suas atitudes, ser mais valorizado, suplantar os desafios na profissão, indica que essa(e)s profissionais despendem energias envolvendo-se excessivamente com seu trabalho.

A expectativa que se cria, neste contexto, é a de que todo esforço e empenho será valorizado com um lugar no céu da instituição, premiando-se aquele que produz, que mantém seu emprego, porque ele acorda cedo, é cumpridor das suas tarefas; impede a lentidão do serviço e luta para suplantar-se, mesmo quando não consiga vencer a falta de tempo, o cansaço e todas as dificuldades

que se apresentam na sua vida, no seu dia-a-dia. Aquela(e) trabalhador(a) que inspirou a instituição do prêmio de funcionário padrão.

Uma alteração nessas expectativas pode significar não só rejeição ao modo de trabalho escravizante, a mais valia, mas principalmente, a mudança de cultura, uma revalorização da subjetividade dos indivíduos e toda plenitude da sua existência, em busca da criatividade e da sensibilidade. Como afirma Crespi uma cultura forjada no reconhecimento do **quotidiano** é uma cultura que se funda na primazia dos valores da existência, o que pode significar rechaçar tudo aquilo que impede que o indivíduo viva, no sentido pleno, cada momento da sua existência⁽⁴⁾. A “pressa, a fadiga embrutecedora, a dispersão atordoadora, a formalidade excessiva das relações interpessoais, a desapropriação de parte do poder nos espaços do agir cotidiano”^(4:45) no centro comunitário do bairro, na escola, no hospital, na indústria, no escritório, nos lugares de diversão entre outros.

É nos espaços do agir humano que tomam vulto as práticas minúsculas, repetitivas. Nesta minimalística da vida social revelam-se os sentidos multifacetados onde a busca do reencantamento, o prazer, a paixão e o gozo do presente são posturas que se constata num tempo que se pode chamar pós-moderno⁽⁶⁾.

Enfocar a saúde “é propor-se a olhar o ser humano enquanto uma entidade biopsicossócio-cultural, percebendo sua complexidade e também a impossibilidade de sua apreensão, enquanto totalidade”^(6:13). Entretanto, esta impossibilidade não imobiliza o observador que busca a compreensão de uma perspectiva do fenômeno da saúde no ser humano: seja tanto na sua caminhada no cumprimento das normas para a manutenção dos programas de saúde e enfermagem, como na transgressão e manifestação da sua inconformação ou inconciliação com estas mesmas injunções.

Na prática da enfermagem, sob a égide das normas da instituição somos capazes de implementar ações de saúde e de enfermagem que não passam de meros desencargos de consciência ao dever cumprido quando implementamos, por exemplo, orientações para saúde numa clientela diabética ou hipertensa. Sentimo-nos frustrados ao tentar entender o sentido atribuído, por parte de doentes, aos abandonos dos programas de controle da tuberculose, ou da hanseníase, que escapam ao tratamento indicado, mesmo estando conscientes das obrigações com sua própria cura e recuperação. Desobrigam-se de tomar os comprimidos diários, não aceitam controle rigoroso da sua glicemia ou tensão arterial e, mesmo de forma sutil, escapam a dieta, aceitam uma bebidinha no final de semana, deixando cair por terra todo empenho dos profissionais envolvidos na atuação dos programas de controles institucionais.

O que se percebe é que estes usam **artimanhas, astúcia, teatralidade, cinismo, jogo duplo** e das **máscaras**, estratégias apontadas por Maffesoli como próprias da área de interesse e interpretadas como categorias de investigação do **quotidiano**⁽¹⁰⁾. Estas que podem ser usadas para desviar o foco da atenção sobre o controle diagnóstico da sua doença e seu tratamento.

Assim, com muito jogo de cintura entre o controle e o descontrole, a clientela acelera seu destino, impõe uma espécie de supremacia nas suas decisões evidenciando a ineficácia ou impotência dos regimes formais instituídos pelos profissionais nos programas institucionais. Apesar de reconhecida como essenciais pelo cliente tais medidas sofrem o efeito de uma outra ordem que as inviabiliza, por que são de controle soberano do próprio indivíduo e não se encontra explicação nos esquemas tradicionais de controle preconizados pelas instituições ou nos programas de saúde.

Encarada como transgressora, em verdade, esta é uma decisão que evidencia o de-

sejo pessoal de romper com o instituído, rechaçando a imposição da norma. Como alguém que não se sente mais comprometido com estas medidas, porque não lhe dá mais prazer qualquer compromisso que não tenha relação mais emocional, proximal, que não esteja arquitetando afetos ou construindo laços sedimentados na família do coração⁽¹¹⁾. Nesse sentido assume maior valor o presente, o afetual e o familiar; o fazer o que se gosta, mesmo que esta decisão comprometa o pessoal/profissional e o institucional.

É necessário considerar que no **quotidiano** existe

[...] uma espécie de conservação, tanto de si mesmo, como da espécie. Há um “saber” incorporado, quase consciente, que “sabe” que é no nicho do doméstico que se pode melhor resistir as diversas imposições das instituições e dos poderes estabelecidos. É neste nicho do doméstico de múltiplas relações afetivas, emocionais, racionais, que se encontra o potencial de força para os enfrentamentos que se mascara por diversas formas: doçura, indiferença, abstenção, silêncio e outros^(11:153).

Longe de compreender tais atitudes como ignorância, rebeldia ou abandono ao tratamento de um tipo especial de cliente, estes atos precisam ser compreendidos como de uma ordem subjetiva que escapa aos controles institucionais porque as prioridades para estes indivíduos são outras. Apesar de existir um acordo formal de sua participação no tratamento e cura, nesta ordem, só ao paciente, de modo soberano e autônomo, interessa realizar o tratamento imposto e buscar a sua cura.

A necessidade de entender a complexidade e a adversidade, como parte desta ordem é que faz do **quotidiano** uma episteme essencial às práticas formais da saúde.

A vida quotidiana mostra-se como o lugar das interfaces entre natureza-cultura e se propõe como dialética, mas não co-

mo síntese. Não se reduz à banalidade e à rotina, mas mostra-se como processo típico de construção coletiva, onde se destaca o desejo de *ser-estar-junto*, criando uma solidariedade que não é da ordem da tirania coletivizante, mas sim de uma solidariedade que urde uma nova ética e uma nova estética a partir da vivência e da compreensão dos “pequenos nada”^(6:198).

É preciso reconhecer que o **quotidiano** é uma cultura de grupos sociais que se funda na primazia dos valores da existência, do viver no aqui e agora, buscando nos pequenos momentos prazerosos do dia-a-dia a explicação para o viver bem, o que pode significar rechaçar tudo aquilo que impede que o indivíduo viva no sentido pleno, em cada momento da sua existência. Isto nos remete a necessidade de substituição ou mudança da concepção rígida de saúde por uma outra mais flexível, cada vez mais pessoal/relacional e portanto plural, porque o que está em jogo é a subjetividade dos seres humanos comprometidos com seus processos de saúde e doença. Para entender esta subjetividade faz-se necessário compreender este usuário e o pluralismo de valores que ele traz consigo para, então, reconhecer as possibilidades de mudança de atitude e comportamento frente às intervenções da enfermagem no seu processo de saúde-doença.

Este pluralismo de razões e atitudes é à base da organicidade dos grupos humanos, por que integra como elementos estruturantes o hedonismo e o prazer de **estar-junto**. Assim as relações de trabalho vividas no espaço da(o) enfermeira(o) são permeadas de diferenças e contrastes, de fenômenos que se identificam com esse pluralismo impossibilitando-nos de chegar ao conhecimento da essência desta população e ao reconhecimento da eficácia e a completude das nossas ações^(12:153).

Estou convicto que há um movimento de mudança global, uma nova maneira de pensar e encarar os problemas pessoais e so-

ciais que afronta a ordem das organizações e o desempenho dos programas institucionais, porque, para além das suas deficiências organizacionais, requer que saibamos lidar também com a autonomia e a soberania dos seus participantes, e isto deixa de ser um problema com explicações em uma ordem funcionalista para ser entendido na dimensão complexa das relações num espaço pós-moderno.

Neste contexto, as relações afetuais assumem uma dimensão de maior importância na apreensão e aceitação das medidas de recuperação da saúde. A(o) enfermeira(o) precisa relacionar-se intensamente, estar junto e fazer parte do mundo familiar para obter apoio consciente e compreensão do cliente para que seu planejamento seja eficaz.

Feitos assim meio às ocultas, sem a necessidade de acarear, as pessoas estão buscando estabelecer algumas hierarquias de prazer nas suas atividades diárias. Assim, “sem confronto direto, mas sub-repticiamente, as pessoas começam a priorizar aquilo que lhes dá prazer fazer, não mais se dobrando ao chicotear das intimidações progressivas”^(13:10).

Quer dizer que não mais vigoram os compromissos formais mecânicos, compulsórios. As medidas se impõem pela compreensão constante da intimidade do outro, através de uma comunicação-comunhão. Assim, “vale dizer que o que une não são as bandeiras de lutas mas sim o querer estar junto, para além das diferenças, sem finalidades programadas, mas sim para usufruir o prazer inútil inconsequente, até mesmo irresponsável, do presente”^(10:11).

Faz-se necessário aprofundar nosso conhecimento sobre como nós podemos interagir e auxiliar no equilíbrio deste ser humano, entendendo toda complexidade que é demandada à(o) enfermeira(o); uma outra abordagem diante desta nova ordem.

Na ótica administrativa dos serviços de saúde a corrente do **quotidiano** também pode

ser conveniente para explicar parte da complexa relação entre indivíduos trabalhadores dos serviços de saúde, seus respectivos clientes assistidos, inseridos nos diversos contextos ou ambientes de atenção à saúde.

Compreendendo o **quotidiano** como espaço de busca do entendimento das relações formais/institucionais é possível relacionar o pluralismo da ação administrativa desses profissionais à eficácia ou não do resultado qualitativo da referida ação. É importante, também, ampliar a percepção a cerca do âmbito da ação do assistente/administrador, dos seus subordinados e toda adversidade que se apresenta na sua ação **multi-contextual**.

A(o)s enfermeira(os) precisam estar preocupada(o)s com a sua intervenção no sistema de saúde e no complexo de re-equilíbrio do indivíduo, ser saudável ou doente, que esta sob a égide da engrenagem institucional, seja nos programas de saúde no âmbito hospitalar como no domicílio ou na comunidade.

4 FINALIZANDO

A análise não teve a intenção de esgotar a temática, mas procurou dar uma contribuição a mais a partir de investidas na literatura sobre as opções criadas por essa *epsteme*, onde procuro refletir suas possibilidades de aplicações no contexto assistencial e administrativo do trabalho da(o)s enfermeira(o)s.

Sem a pretensão de ser conclusivo, mas instigador, acredito que o **quotidiano** constitui-se uma opção de intervenção e investigação nos espaços de relações onde o profissional pode estar exercitando a compreensão sobre a multiplicidade da sua prática.

Por esta via epistemológica estou propondo que estejamos preparados para conviver com outras possibilidades de estratégias e formas de intervenção/investigação cada vez menos formais nos programas de controle das doenças crônicas e nos protocolos instituídos pelas equipes de saúde/enfer-

magem para promover atenção de qualidade aos indivíduos adultos e idosos. É um mergulhar na essência das ações de saúde investindo profundamente no conhecimento subjetivo das respostas dos indivíduos a estas ações.

O *lôcus* de investigação específica dos profissionais da saúde precisa ser os espaços de relações nos grupos sociais, no ambiente hospitalar, na comunidade e demais locais onde seja possível atuar em saúde de tal forma que prevalece o afetual, o fortuito, em detrimento da obrigação, do dever ou do compromisso com os programas de saúde e os protocolos de enfermagem. Nestes espaços as ações educativas de saúde, as interferências e exigências formais dos profissionais deixam de ter sentido. Podem ser compreendidas como inócuas, de repercussão ineficaz, requerendo da(o) enfermeira(o) competências específicas para atuar de modo compreensivo, mudando suas estratégias de atenção diante de situações onde o complexo, o inesperado precisam ser vistos com outros olhares.

Há necessidade de compreender e aprofundar as discussões sobre este espaço, desviando-se das análises sobre as práticas de atendimento institucional que não deram certo ou daquelas que estão em busca de culpados para as falhas das equipes e da instituição, como se elas fossem peças isoladas de um contexto que é de caráter primordialmente relacional e subjetivo; que não encontram explicações nas análises tradicionais.

Estes interesses estão permeando o trabalho da(o) enfermeira(o) de forma sutil, minando lentamente as ações pensadas no contexto exclusivo da doença, dos profissionais e da instituição deixando transparecer a falta de investimentos na essência das ações efetivas de saúde com os clientes; pela capacidade de revelar o acaso, o inesperado, o prazer profundo, que se associam compondo o pano de fundo das ações dessa(s) profissionais.

Faz-se necessário à investigação de medidas cada vez menos formais no controle das

doenças crônicas e nos protocolos atenção à saúde colocando-se em evidência uma nova ordem onde impera as relações interpessoais, o compromisso pessoal, o afeto, o familiar, o mais próximo no aqui e agora.

Estou propondo um maior investimento e observação criteriosa deste novo sentido para as nossas ações profissionais, que precisa considerar o **quotidiano** como a opção mais adequada de interpretação do êxito e das falhas dos programas.

REFERÊNCIAS

- 1 Nascimento ES. Compreendendo o cotidiano em Saúde. *Enfermagem Revista*, Belo Horizonte (MG) 1995 dez;2(4):31-8.
- 2 Maffesoli M. Liberdades intersticiais. In: Morin E, Baudrillard J, Maffesoli M. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis (SC): EDUFSC; 1993. 70 p. p. 51-70.
- 3 Tacussel P. Crítica e compreensão da vida cotidiana. *Revista Faculdade Educação*, São Paulo 1993 jan/jun;19(1):111-20.
- 4 Crespi F. Le risque du quotidien. *Cahier Internationaux de Sociologie*, Paris 1983 jul;74:39-45.
- 5 Maffesoli M. Épistémologie de la vie quotidienne: vers un "formisme" sociologique. *Cahier Internationaux de Sociologie*, Paris 1983 août; 24:57-70.
- 6 Maffesoli M. A ética pós-moderna. *Revista Faculdade Educação*, São Paulo 1991 jan/dez;17(1/2): 194-202.
- 7 Rezende ALM. Cotidiano e saúde. In: Rezende ALM, Ramos FRS, Patrício ZM, organizadores. *O fio das moiras: o afrontamento do destino no cotidiano da saúde*. Florianópolis (SC): EDUFSC; 1995. 208 p. p.9-15.
- 8 Rezende ALM. Pós-modernidade: o vitalismo do chaos. *Plural*, Florianópolis (SC) 1993 jan/jul;3(4): 5-12.
- 9 Pereira Á. O cotidiano profissional do enfermeiro: das aparências às diferenças de gênero [tese de

- Doutorado]. Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 1999. 210 f.
- 10 Maffesoli M. A conquista do presente. Trad. Márcia C. Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco; 1984. 168 p.
- 11 Nitschke RG. Mundo imaginal de ser família saudável: a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos. Florianópolis (SC): EDUFSC; 1999. 199 p.
- 12 Pereira A, Erdmann AL. O pluralismo no cotidiano do espaço organizacional do enfermeiro. Texto & Contexto: Enfermagem, Florianópolis (SC) 1996 jul/dez;5(2):147-55.
- 13 Martins CR, Ramos FRS. Banal sim... desencantado não. In: Rezende ALM, Ramos FRS, Patrício ZM, organizadores. O fio das moiras: o afrontamento do destino no cotidiano da saúde. Florianópolis (SC): EDUFSC; 1995. 208 p. p. 35-56.

Agradecimentos:

À colega Jane Guimarães de Souza pelas correções e apoio nas horas em que ninguém pode compreender o que se faz e os objetivos para além das aparências.

Endereço da autora/Author's address:

Álvaro Pereira
Rua Senador Costa Pinto, 66/302
Largo 2 de Julho, Centro
40.060-010, Salvador, BA
E-mail: alvarop@ufba.br

Recebido em: 14/11/2004
Aprovado em: 30/10/2005
